

**REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA INDÍGENA  
XERENTE-AKWÊ E O ESTUDO DAS PERDAS DE VOGAIS E COSOANTES  
NAS PALAVRAS DA LÍNGUA AKWÊ: LIMITES E POSSIBILIDADES**

**INITIAL REFLECTIONS ON TEACHING THE INDIGENOUS XERENTE-  
AKWÊ LANGUAGE AND THE STUDY OF VOWEL AND COSONANT LOSS  
IN WORDS OF THE AKWÊ LANGUAGE: LIMITS AND POSSIBILITIES**

Paulo Fernando Sitmoru Xerente<sup>1</sup>

Neila Nunes de Souza<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O presente trabalho buscou analisar e compreender, as formas pedagógicas trabalhadas na Escola Estadual Indígena Sakruiwê localizada na Aldeia Funil Sakrepra próxima a cidade de Tocantínia. Partiu de revisão bibliográfica sobre pedagogias e culturas tradicionais. Apresenta uma discussão de como se estruturam as bases curriculares que tem como proposta ensinar as línguas portuguesas e Akwê, para estudantes indígenas. Este trabalho também dispõe-se apresentar os resultados da pesquisa das palavras que sofreram os apagamentos das consoantes e das vogais faladas pelos jovens Akwê Xerente. Ainda, faz um comparativo das palavras dos jovens com as falas dos anciãos, os mais velhos, que são os Wawê. O objetivo deste trabalho é procurar estudar e entender o porquê algumas palavras sofreram variações, ou mudanças, na fonética-fonológica, falado pela nova geração que são os mais jovens Wapte akwê, através da comparação do vocabulário dos mais velhos que são anciãos, por serem fontes de conservação da língua materna Akwê. Os resultados e conclusões que serão apresentados também se articulam, como a realidade vivida em escola indígena, autor desse trabalho que faço parte do povo Akwê e vivo na Aldeia Funil, sentindo as dificuldades do uso da língua portuguesa ao me inserir na universidade. Além de que a proposta é apontar os limites da educação dentro das escolas nas aldeias e as possíveis soluções para tais limites.

**Palavras-Chave:** Ensino; Língua Akwê; Apagamentos de Vogais e Consoantes na Língua Akwê.

**Abstract:** This work sought to analyze and understand the pedagogical forms worked at the Sakruiwê Indigenous State School located in Aldeia Funil Sakrepra near the city of Tocantínia. It started with a bibliographical review on traditional pedagogies and cultures. It presents a discussion of how the curricular bases that aim to teach Portuguese and Akwê languages to indigenous students are structured. This work also aims to present the results of research into words that suffered the deletion of consonants and vowels spoken by young Akwê Xerente. Furthermore, it compares the words of the young people with the speeches of the elders, the oldest, who are the Wawê. The objective of this work is to seek to study and understand why some words have undergone variations, or changes, in phonetic-phonological, spoken by the new generation who are the youngest Wapte akwê, through comparison of the vocabulary of the oldest people who are elderly, as they are sources of conservation of the Akwê mother tongue. The results and conclusions that will be presented are also articulated, as the reality experienced in an indigenous

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: paulofernandositmoru@gmail.com

<sup>2</sup> Docente no Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: neilasouza@uft.edu.br

school, author of this work I am part of the Akwê people and live in Aldeia Funil, feeling the difficulties of using the Portuguese language when entering the university. Furthermore, the proposal is to point out the limits of education within schools in villages and possible solutions to such limits.

**Key-words:** Teaching; Akwê language; Vowel and Consonant Deletions in the Akwê Language.

## **AZANÃ SNÃ ROWASKUZE**

Tâkâhã hêsuka ãt ka kũikre tũ wasimrmêzep nã hã, amũ nhanê wammrê wat waihku mnũze, kãtũ dure nhanê krwa mrmêzus mnũze, kãtũ wanim rowahtuzem nã hã waskuzem nãhã ãt wasku pibumã. Are tâkâhã ãt kakuikre tũ rowahtuzem sã Sakruiwê wamhã romkmãdã, krikahã sã Tocantinia ktawi tũtahã Akwê nõrã krta tet aimũ krnũmr, dasakru sã Sakrêpra wa. Twa, tâkâhã ãt kũikre pibumã, wat Warã nãhã rowasku kburũ, wasimrmêzep nãhã ahãmre Akwê krmêsus mnũze kãtũ ãsãm rowahtuze, kãtũ nhanê tũtazim hã nhanê rowaskuzem nãhã, kãtũ rowahtuzem wam hã kãtũ sutkirê romwasku Dasĩpsê wam hã rowahtuze, wat dure kburũ. Tãkâhã wasimrmêzem nã ãt kũikre pibumã, wat Linguística nõrai smã kũikre kãtũ damrmê hawi ãkũikrekwai nmã kũikre, amũ nhanê tanõrã wammêze tkrê kmã dkã mnũze, Akwê nãhã tê kũikre mnũ hawi kũikre. Are watũ dure, rowaskuze kakburũ are watũ dure ãtdêkwai nãm rowasku hawi kũikre ãt kmã kuiptu pibumã, kãtũ dure waptem mrmêze kmã dãk wawê mrmêzem mê siwamsũ. Are tanêsnã watũ dure hêsuka wa dazdanãrze kakũikre, ãt sanãmr snã wawê nõrã ãt kmã sdanãr mnũ pibumã aimũ siwakrum snã romãdã ãt kãr kũpibumã. Tũ wa tũta hawi, watũ amũ wasimrmêzep nãhã samrãr waihuk wawê kãtũ waptemnõrã ãt sda nãr mnũsnã.

**Darmê ãt kũikre psê:** Rowahtu; Wasimrmêze; Wasimrmêzep hawi ãkuikre sikutõr mnũ; Ktãwankũ mrmêze; Akwê - Ktãwankũ kahãsnã romwasku.

**Recebido em 03 de julho de 2023.**

**Aprovado em 20 de dezembro de 2023.**

## 1. Introdução

Esta pesquisa preocupou-se em discutir e analisar o ensino da língua<sup>3</sup> indígena na educação vivenciada na comunidade Akwê<sup>4</sup> Xerente<sup>5</sup>, em busca da compreensão das metodologias e recursos utilizados no processo de ensino e aprendizagem da língua desta comunidade. O presente trabalho tem por objetivo averiguar e estudar aspectos de palavras que sofreram modificação e transformação anunciadas e faladas pela nova geração da sociedade Akwê Xerente TI Funil, localizada entre município de Lajeado e Tocantínia, à margem direita do rio Tocantins.

Percebe-se a necessidade de refletir a prática de ensino ofertada para avançar na superação das dificuldades que, grande parte dos alunos indígenas, têm enfrentado. É essencialmente peculiar, a inovação e a ressignificação desse processo que dinamiza um novo ensino no envolvimento da cultura e costumes, possibilitando ter apropriação das duas línguas, sendo que uma delas é a língua nativa. Desta forma se procura uma explicação concreta na inter-relação com esse processo de ensinamento, tanto no requisito da dificuldade encontrada pelo docente, como pelo discente, e a princípio a execução de saber entre esses dois pontos fundamentais que é a língua português e a língua nativa Akwê.

Com essa base de averiguação buscamos esclarecer e fazer a comparação da maneira que a nova geração de jovens Wapte se comunicam (falamos), com a fala dos anciões, que são os mais velhos, considerado como biblioteca da sociedade Akwê, que habitam nas aldeias. Através e por meio dessa laboração, procuramos apresentar também aspectos das palavras que sofreram variações sonoras nas falas da nova geração que são os jovens, Wapte.

A maioria das aldeias possuem uma escola e professores formados na área para se obter o ensino da língua nativa e para a língua portuguesa. Observa-se que muitas dessas escolas não possuem ainda uma estrutura e material de qualidade para o ensino. Diante

---

<sup>3</sup> O idioma Akwê-Xerente, que se tornou idioma oficial ao lado do Português, no município de Tocantínia, TO, pela lei municipal. No 04/2012, de 13 de abril de 2012 é falado por mais de cinco mil indígenas Xerentes que habitam em mais de 105 aldeias diferentes espalhada em toda reserva Xerente.

<sup>4</sup> [...] quem são os Akwê no estado do Tocantins? Os Akwê são um povo guerreiro, que desde sempre representou a resistência a todos os ataques, seja de garimpeiros, posseiros, fazendeiros, na tentativa de escravizá-los e, toda sorte de violação (SOUZA e OSÓRIO, 2022, p.3).

<sup>5</sup> Denominação dada por não-indígenas, adotado e reconhecido como último sobrenome daqueles que se denominam Xerente e assim se apresentam nos registros oficiais no Brasil (*Idem*, p.2).

dessa realidade, os indígenas Xerente Akwê fazem uma crítica bastante contundente a esse tipo de estrutura e material, pois eles não refletem a realidade sociolinguística, história e cultural do povo Xerente Akwê.

Assim, buscamos discutir a seguinte questão norteadora: Como contribuir para melhorar o ensino da língua materna na escola da aldeia de modo a facilitar a aprendizagem da língua portuguesa?

A escolha dessa temática se deu em especial pelo fato de conviver com essa realidade e por estar enfrentando várias dificuldades nesse processo de aprendizagem e vivência universitária.

Compreendo ser de extrema importância a realização desta pesquisa, pois a partir dela poderemos evitar dificuldades dos estudantes Akwê-Xerente e contribuir para o sucesso do processo de aprendizagem das novas gerações para comunidade Xerente Akwê, e ainda para garantir que a realidade sociolinguística, história e cultural seja preservada.

## **2. OBJETIVOS:**

### **2.1 Objetivo Geral**

Estudar as perdas de vogais e consoantes nas palavras da língua Akwê e também compreender as metodologias e recursos utilizados no processo de ensino e aprendizagem de línguas.

### **2.2 Objetivos Específicos**

1- Conhecer as principais dificuldades e fatores que contribuíram nas perdas dos vogais e consoantes na língua materna, e as dificuldades enfrentadas pelos alunos indígenas Xerente-Akwê;

2- Propor alternativas novas para contribuir com o ensino e a aprendizagem na escola dentro da comunidade da aldeia.

## **3. CAMINHOS DA PESQUISA**

A metodologia desse estudo considera um dado sobre as línguas indígenas do Brasil que estão ameaçadas de extinção e que de alguma forma, possam adquirir solução. Isso é o que revela um estudo da União das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO publicado em fevereiro 2019, que situa as línguas indígenas entre outras 2.500 em perigo de desaparecer nos próximos anos.

Assim, a metodologia utilizada no estudo é a pesquisa de campo que caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (FONSECA, 2002).

O presente estudo tem uma abordagem qualitativa. Fizemos incursões na escola indígena, Escola Estadual Sakruiwê<sup>6</sup> localizada na margem direita do rio Tocantins na aldeia Funil no município de Tocantínia. A aldeia Funil está localizada cerca de 12 km do município de Tocantínia, localização que poderá ser constatada nas figuras 1 e 2, posteriormente.

Para a coleta dos dados foi feita algumas perguntas a pessoas residentes na aldeia, para ver as principais perdas das palavras que sofrem a influência da língua portuguesa. Foram realizadas 4 entrevistas/conversas com perguntas abertas para ver as principais dificuldades encontradas no ensino da língua materna, na escola da comunidade da aldeia, para que posteriormente facilite a aprendizagem da língua portuguesa.

No estudo foi utilizado como base uma pesquisa bibliográfica que foi feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Assim, buscamos a superação das principais dificuldades encontradas no ensino da língua materna, na unidade escolar da aldeia, para que posteriormente facilite a aprendizagem da língua portuguesa.

A escolha dessa temática, se deu em especial pelo fato de estar convivendo com essa realidade e ter enfrentado várias dificuldades nesse processo de aprendizagem e vivência na universidade.

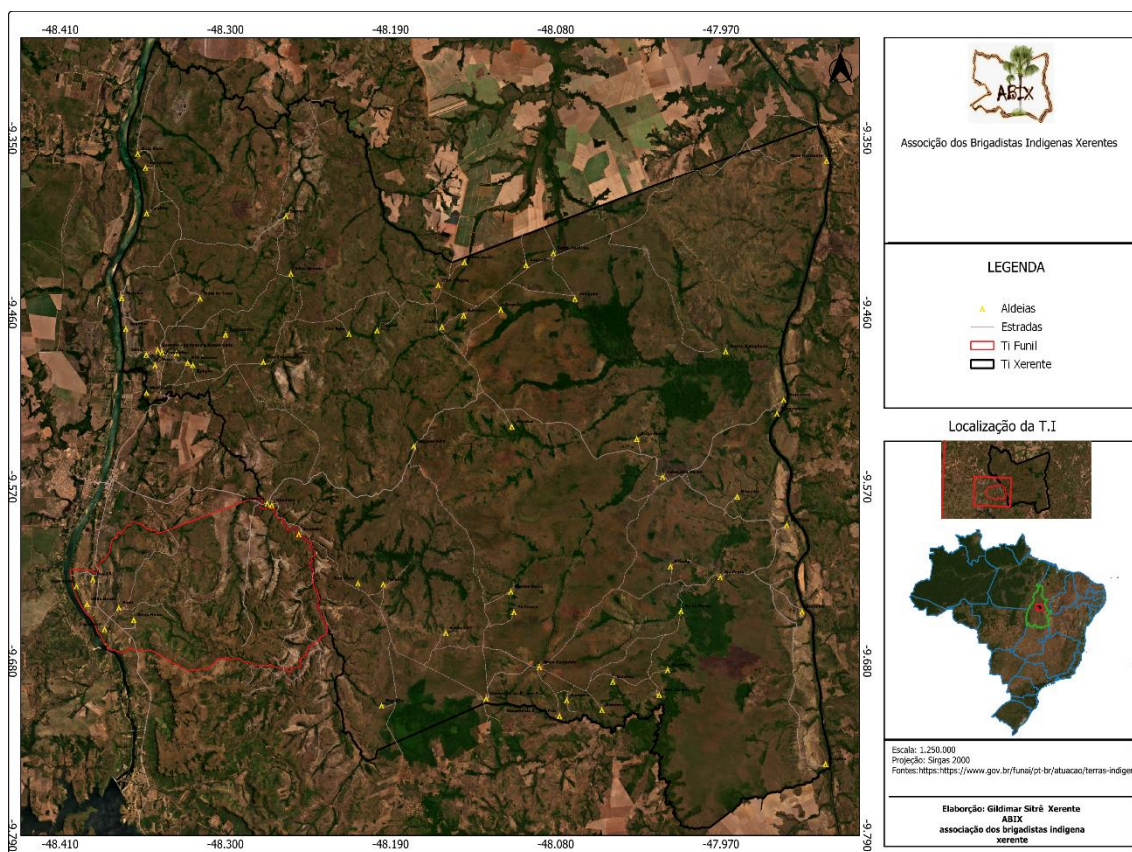
---

<sup>6</sup> Observou-se que o regimento da Unidade Escolar está de acordo com a legislação federal, na Constituição Federal e na LDB, a exemplo do capítulo II – Dos princípios e Objetivos artigo 3º A UE tem por finalidade ministrar: I – a educação básica em suas etapas e modalidades, de acordo com: a) o disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; b) as demais normas federais e estaduais; c) os atos normativos da Seduc, os pareceres e as resoluções do Conselho Nacional de Educação – CNE e do Conselho Estadual de Educação do Tocantins – CEE-TO. E o no artigo 5º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições de acesso e permanência com sucesso na UE; II – liberdade de: a) ensinar; b) aprender; c) pesquisar; d) divulgar: SEDUC.TO.GOV.BR REGIMENTO ESCOLAR 11 1. o pensamento; 2. a arte; 3. o saber. III – o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas; IV – valorização da experiência extraescolar; V – a garantia do padrão de qualidade do ensino.

#### 4. A LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA FUNIL, A ESCOLA E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS INDÍGENAS XERENTES NA APRENDIZAGEM

A função do Sistema Educacional nas Aldeias foi um crescimento gradual, porém encontra-se problemas no processo educacional, no qual o conteúdo pedagógico de ensino em leitura e escrita tem sido importante, fazendo com que tenhamos coesão nas escritas e leituras, quanto à segunda língua que é português e também a língua nativa Akwê que é primeira língua a ser ensinado e falada na comunidade. A Escola Estadual Indígena Sakruiwê encontra-se na aldeia Funil Sakrêpra que se localiza entre o município de Tocantínia e Lajeado, como pode ser observada a localização na Figura 1.

**Figura 1:** Localização da Aldeia Funil



Fonte: Sitré Xerente (2023).

Na reserva TI Funil encontram-se nove aldeias, no quadro 1 podemos observar em que ano cada aldeia foi fundada e a quantidade de famílias de cada aldeia.

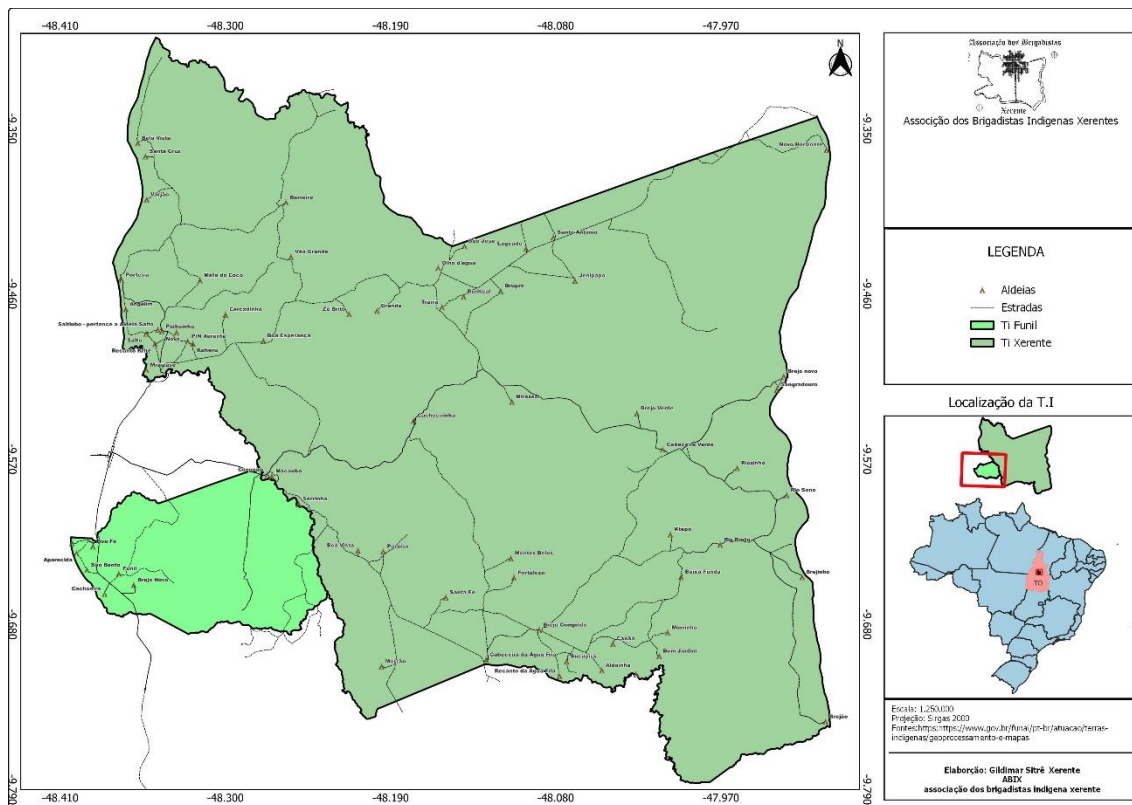
**Quadro 1:** Aldeias da reserva TI Funil

ALDEIA	ANO DE CRIAÇÃO	FAMÍLIA/PESSOAS	CACIQUES
FUNIL SAKRÊPRA	+ - 1976	+360 / +-410	ELSON KRENSU
BOA FÉ BRUKRÂIPA	2000	15 / 38	EDILSON SINÂRÎ
APARECIDA NRÔWDÊHU	2000	12 / 32	HORTÊNCIA WARETI
SÃO BENTO KBARÊWDÊHU	2003	9 / 34	CARLITO SRÊKRURMÊ
CACHOEIRA SUPRAWAHÂ	2007	15 / 65	PAULO C. WAWÊKRURÊ
RIO VERDE	2014	4 / 16	RENATO SAMURU
BOA VIDA KÂNÎDOTDO	2017	3 / 9	LEVI WAKEDI
NASCENTE	2021	2 / 9	LUCIANO DAMSÔIHÂ
PÉ DA SERRA SRÂZAZE	2022	6 / 26	AGNALDO DAMSÔKÊKWA

Fonte: Dados coletados pelo pesquisador (2023).

Portanto são as pessoas de cada Aldeia que constituem a parte cultural e as metodologias educacionais que devem abarcar na Escola Estadual Indígena Sakruiwê (E.E.I.S). Observe-se na Figura 2, a reserva Xerente e nela a localização da Aldeia Funil.

**Figura 2:** Reserva Xerente e a localização da reserva Funil e Aldeia Funil.



Fonte: Sitré Xerente (2023).

Consideramos a importância de demonstrar a cartografia de onde se localiza o estudo e as nove aldeias oriundas dessa parte da reserva Xerente que foi reconhecida posteriormente, ao que identificamos como reserva Xerente. Assim, na próxima seção apresentamos elementos da escola e da língua Akwê.

#### 4.1. A Cultura, a Escola, a Língua Akwê e a Língua Portuguesa

As crianças tem o contato formal com a língua portuguesa somente nas escolas, a partir dos 6 aos 10 anos, que é quando as crianças são matriculadas por seus responsáveis na escola da Aldeia Funil.

É preciso considerar que existe também a dificuldade que é a relação entre as aldeias, pois a escola atende além da Funil outras cinco aldeias supracitadas. Deve-se considerar que mesmo o povo Akwê falando a mesma linguagem e compartilhando uma cultura semelhante por serem todos do povo Xerente – Akwê, as vivências e aculturações diferem do que cada pessoa obtém em sua respectiva aldeia, pois os mesmos não estão acostumados a viverem juntos e vão aprender a lidar com essas diferenças, juntamente com a aprendizagem dos conteúdos que os educadores vão repassar na sala de aula.



Os jovens Akwê - Xerente começam sua trajetória educacional na escola indígena na aldeia, alfabetizados em AKWÊ, pelos professores indígenas da unidade escolar da aldeia, e alfabetização continua fora da sala de aula, pelos seus pais e anciões da aldeia, e essa alfabetização ocorre no Warã.

[...] os povos indígenas do Brasil acreditavam que a educação escolar era um meio exclusivo de aculturação e havia certa desconfiança e repulsa quanto à escolarização. Isto está mudando. Diante das necessidades de um mundo cada vez mais globalizado, os índios julgam que a educação escolar, quando apropriada por eles e direcionada para atender às suas necessidades atuais, pode ser um instrumento de fortalecimento das culturas e das identidades indígenas e um possível canal de conquista da desejada cidadania, entendida como direito de acesso aos bens e aos valores materiais e imateriais do mundo moderno (BANIWA, 2006, p. 129).

Concordamos com Baniwa (2006) quando diz que os valores sobre a educação estão mudando e também sobre a apropriação de uma segunda língua pelos indígenas, que é a Língua Portuguesa. A necessidade do domínio do Português fica evidente sobretudo, quando chegamos na Universidade, nos deparamos com diversos problemas, entre eles a dificuldade de interação social, na comunicação entre os não indígenas, e a descrição das palavras corretas na língua portuguesa.

Vimos de uma cultura diferente, momento em que ingressarmos na Universidade é tudo diferente, tudo novo, com isso, nós levamos muito tempo para podermos nos apropriar de outras culturas e costumes do dia-dia. Para Santos (2010, p.31), “a desigualdade dos diferentes enquanto humana é a forma mais radical de produção da desigualdade”.

No povo Akwê - Xerente, tradicionalmente a aprendizagem ocorre de maneira natural no cotidiano e através da participação nas mais diversas práticas culturais, ou seja, culturalmente não se organizam e não tem qualquer instituição própria de iniciação a estudos de qualquer natureza.

A criança indígena no geral tem acesso aos lugares, às pessoas, aos rituais de maneira quase sem restrições e punições. Está justamente na liberdade o cerne da educação indígena: liberdade de agir, de estar e de conhecer.

Entre os indígenas Xerente (SOUZA, 2005), as crianças podem ver e ouvir tudo porque para eles, elas aprendem mais e melhor dessa maneira. As pessoas aprendem coisas através da vida diária e rituais ou também porque se interessou pelo assunto e buscou conhecê-lo melhor, o aprendizado é baseado no desejo de aprender.

A escola indígena é o que se pode chamar de lugar de fronteira. Ela é uma escola, mas não uma escola como outra qualquer, seu próprio nome demonstra a especificidade das peculiaridades. Mas o que isso quer dizer, além do fato de ela se dirigir ao público indígena? Um dos pontos principais a serem levados em consideração é que a Constituição Federal/1988 assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, tem assegurado no artigo 26 da LDB N° 9394/96 o direito à especificidade e um desses reflexos são partes do currículo voltados para questões específicas do cotidiano, cultura e saberes próprios do povo indígena.

Como parte do direito aos modos próprios de aprendizagem, há também a possibilidade de flexibilização do currículo que é/deveria ser desenvolvido com a participação da comunidade, porém no caso da Aldeia Funil não é toda a aldeia que participa do processo de aprendizagem da língua portuguesa, pois o uso da língua só é feito “dentro” das escolas.

Os Anciões são as pessoas “dentro” da aldeia, os mais velhos e que tem domínio sobre a língua, a cultura e rituais, os mesmos orientam que entre os indígenas Xerentes só se pode falar a língua Akwê, que é a língua nativa própria, como uma forma de manutenção para que a mesma não se perca.

Assim, o processo de aprendizagem da segunda língua que é o português se torna mais difícil e bastante complicado para as crianças e adultos que entram na escola, pois os mesmos, não praticam usualmente a língua Akwê na escola.

Constatando esses elementos e informações, retirados sob um olhar direto na forma de educar dos jovens indígenas atualmente, podemos analisar o sistema com vista a inserir componente curricular da Língua Akwê. A escola precisa estar preparada para receber às pessoas que tem conhecimentos distintos, como no caso do povo Akwê. O Estado deveria focar na educação de base, que esse estudo aborda, na educação básica, contemplando as peculiaridades de cada povo.

Na defesa que as instituições têm que cumprir a legislação e a recepção das pessoas que possuem culturas e costumes diferentes, Marilena Chauí (2000) vai discorrer o seguinte contexto a Ética ou filosofia moral, segundo a autora "toda cultura e cada sociedade institui uma moral". Assim é possível entender o respeito dentro da aldeia aos

Anciões, não é possível desconsiderar a cultura Akwê nos ensinamentos da língua portuguesa, pois a cultura é dinâmica, assim dentro da Aldeia ocorre processos de aculturações, pois o povo Akwê aprende a língua portuguesa por uma questão de necessidade.

O mundo em que vivemos nos impõem a ter que adquirir nossos direitos indígenas na sociedade urbanizada, assim para fazermos uso desses direitos precisamos entender o português, que passa assim a ser a nossa segunda língua.

É o Warã um espaço sagrado, onde toda a comunidade local no caso da Aldeia Funil, se reúne para repassar os conhecimentos dos Anciões, onde o principal objetivo a ser alcançado é que todos sentem, fiquem em silêncio e escutem o que os Anciões tem a transmitir, como uma forma de manter a nossa cultura, esse é o espaço de aprendizado democrático é, para todas as pessoas que vivem na aldeia.

Quando temos que entrar na escola o ambiente de aprendizado é totalmente diferente do Warã, as regras institucionais são complexas, mesmo sendo uma escola indígena quando o aluno entra na E.E.I. Sakruiwê com vestuário que não seja “adequado” para a instituição, a mesma pede para que os indígenas usem roupas para assistir todas as aulas, não sendo possível assistir aula sem camisa, calça ou qualquer parte do vestuário que a escola considera “correto”.

Na cultura indígena o conhecimento é passado de forma horizontal, sentamos em círculo, sendo nossa cosmologia, não é todos que falam, apenas homens podem falar, anciões e anciãs. Porque espaço das mulheres indígenas é separado e, somente os homens anciões podem participar da reunião, como elas também podem participar. O que foge a lógica de quando entramos na escola onde o conhecimento é passado de forma vertical, com todos os alunos sentados em fileiras.

Um autor que trata sobre as formas estruturantes opressoras na educação é o Paulo Freire, quando o mesmo traz em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, questionamentos sobre a educação vertical que tem como fundamento um educador a frente depositando o conhecimento de forma bancária em seus educandos, quando o indígena entra na escola ele tem sair de uma educação que é horizontal, e que o autor trata como o tipo de educação ideal, para a concepção vertical da educação, assim o princípio básico da educação Akwê

se compara ao que Freire trata como “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1970).

[...] entramos no século XXI, quando a maior parte das previsões apostava que as populações indígenas não sobreviveriam à ocupação do território, pelo menos não mantendo formas próprias de organização, capazes de gerir suas vidas. Isso porque a máquina estatal atua para desfazer as formas de organização das nossas sociedades, buscando uma integração entre essas populações e o conjunto da sociedade brasileira (KRENAK, 2019, p. 20-21).

Como aponta krenak (2019), os estudantes indígenas ao ter de introjetar o modelo de educação de sociedade urbanizada, enfrentam dificuldades para se adequar ao espaço e aos métodos de ensino, pois o modelo pedagógico ainda tem formas opressoras, que não traduz a diversidade étnica que povos tradicionais trazem consigo, portanto, a escola ainda não é um lugar de proporcionar uma educação libertadora, isso com base na análise da Escola Estadual Indígena Sakruiwê que mesmo estando “dentro” de uma aldeia segue a estrutura educacional imposta pelo Estado.

A seguir continuamos a discussão sobre as metodologias utilizadas para ensino e aprendizagem das línguas, materna e portuguesa.

## 4.2 - As metodologias utilizadas para ensino e aprendizagem das línguas, materna e portuguesa

Na Escola Estadual Indígena Sakruiwê, segundo Pesquisa de Campo realizada neste trabalho, estão subordinados os professores: Como mostra o quadro 2.

**Quadro 2:** Professores, Componente Curricular e Ano no regular

<b>PROFESSORES QUE LECIONAN NO REGULAR</b>		
<b>NOMES</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>SERIE</b>
Gerivan Samuru Xerente	Leciona aula de todos os componentes curriculares	1º ano
Luís Fernando Srêwasa Xerente	Leciona aula de todos os componentes curriculares	2º ano
Gilmar Antônio de Brito Xerente	Língua Indígena, Arte, História, Geografia, Educação Física e Saberes Indígenas.	3º ano regular
Renilva Couto Viana	Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Cosmologia.	3º ano regular

Fonte: Dados coletados pelo pesquisador na Escola Estadual Sakruiwê (2023).

Pode-se observar no quadro 2, que do 1º ano ao 3º ano regular, apenas um professor não é indígena, sendo majoritariamente professores indígenas. Por outro lado, é perceptível o que outro estudo possa pontuar sobre a lacuna na formação, pois a mesma professora que ministra Língua Portuguesa, também ministra o componente curricular de Matemática, Ciências e Cosmologia. São diferentes áreas, portanto diferentes conteúdos a cargo da professora não-indígena.

**Quadro 3:** Professores, Componente Curricular e Ano no Multidisciplinar

<b>PROFESSORES QUE LECIONAN NO REGULAR MULTIDICCIPLINAR</b>		
<b>NOMES</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>SERIE</b>
Gilmar Antônio de Brito Xerente	Língua Indígena, Arte, História, Geografia, Educação Física, Saberes Indígena, <b>Cosmologia – só para turma 5º anos.</b>	4º e 5º ano regular mult.
Renilva Couto Viana	Língua Portuguesa, Matemática, Ciência, <b>Cosmologia – só para turma 4º ano.</b>	4º e 5º ano regular mult.
Eneida Brupahi Xerente	Língua Portuguesa, língua Inglês, língua Indígena, Saberes Indígena	6º ao 9º ano regular mult.
Geremias Oliveira de Sousa	Matemática, Ciência, Geografia, História, Arte, Educação Física, Ensino Religioso	6º ao 9º ano regular mult.

Fonte: Fonte: Dados coletados pelo pesquisador na Escola Estadual Sakruiwê (2023).

Os quadros 2 e 3 dispõem dos professores que compõem e são responsáveis pelo ensino fundamental nos primeiros anos, incluindo as posteriores infraestruturas curriculares da educação básica adotados nas escolas Indígenas, no período de manhã que são Ensino Fundamental nos anos iniciais e Ensino Fundamental nos anos finais.

A mesma escola também obtém a aula no período noturno, e que as são ministrados por professores na Educação de Jovens e Adultos-EJA, que poderá ser conferido no quadro 4.

**Quadro 4:** EJA – Segmento multidisciplinar

<b>PROFESSORES QUE LECIONAN NA EJA SEGMENTO MULTIDICIPLINAR</b>		
<b>NOMES</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>SERIE</b>
Leonardo Suke Xerente	Língua indígena, Inglês, Saberes Indígena, Ciência, Arte, Educação Física.	2º Segmento mult.
Nelson Hkâwē Xerente	Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Cosmologia.	2º Segmento mult.
Gustavo Kanõkra Xerente	Leciona aula de todas as Disciplinas do 1º e 2º Período 3º segmento EJA duas turmas juntos	1º e 2º Período. 3º Segmento EJA <sup>7</sup> .

Fonte: Dados coletados pelo pesquisador na Escola Estadual Sakruiwê (2023).

As áreas do conhecimento que estão no segmento curricular da Escola Estadual Indígena Sakruiwê (E.E.I.S), podemos observar as seguintes bases das áreas do conhecimento: linguagem, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e parte diversificada. Quanto ao segmento curricular EJA, foi constatado na área de linguagem: os componentes curriculares de: Língua Portuguesa, Língua Indígena, Artes e Educação Física, e na área de Matemática exclusivamente o componente curricular de Matemática, e em ciências da natureza o componente curricular de Ciências, em Ciências Humanas os componentes curriculares de História, Geografia e Ensino Religioso e na parte diversificada os componentes curriculares de Culturas Indígenas e Diversidades.

<sup>7</sup> 1º e 2º Período de 3º segmento EJA está funcionando MULT. Foi solicitado uma contratação de outro professor na turma da EJA de 3º segmento até o presente momento, não foi atendido esse pedido (Informação Verbal, SRÕSDAZÊ XERENTE, GILBERTO; 2023).

Essa é a base curricular, trabalhada dentro da unidade escolar da Aldeia Sakrêpra, porém esta metodologia proposta recebe críticas dos estudantes, por ser comunidade tradicional, ainda imposta as Religiões ocidentais modernas para os estudantes, pois o componente curricular de Ensino Religioso tem por finalidade o ensino das diversas religiões para que os estudantes tenham acesso a culturas diferentes, esse componente curricular é facultativo ao aluno, sendo que a Unidade Escolar deve propor outra atividade aos que fizeram opção por esse componente curricular, na qual deve-se refletir as diversas cosmovisões desenvolvidas pelas Sociedades humanas, mas mesmo estando em um espaço indígena apresenta-se de forma a impor apenas o ensino de uma religião única e hegemônica, não trabalhando a parte da diversidade.

Outra crítica a ser realizada, é quanto a área de conhecimento em que foi colocada o componente curricular de Educação Física, estando na área de Linguagem, tendo em vista que a mesma poderia estar na área de parte diversificada. O que aponta um descuido ao serem formulados as bases curriculares indígenas, pois não é apenas nesta unidade escolar que podemos encontrar discrepâncias nos segmentos curriculares, que não atendem os indígenas.

A referência de que foi prejudicial na formação/aprendizagem do pesquisador, sendo indígena e habitante da Aldeia Funil e ex estudante de escola indígena, essa lacuna foi sentida posteriormente quando entrei na universidade, quando comecei a estudar não conseguia acompanhar os estudantes que estudaram em uma lógica de mundo mais urbanizada, uma dessas dificuldades foi principalmente no uso da língua. Nos reportaremos a essa questão nas considerações finais, propondo alternativa para o reforço nos conhecimentos da Língua Portuguesa.

Além de que é preciso mencionar sobre a forma de ensino no contexto da educação indígena, que é ministrado por professor/a indígena, bem como os não-indígenas, no que se constata a falta de material pedagógico, a isso, recorrem a conteúdos e práticas didáticas emergenciais. A forma que os professores ensinam considerando as duas línguas, as dificuldades estão na falta de materiais, conseqüentemente no modo de ensinar. A isso a maioria dos alunos (a) indígenas, de fato tem a deficiência de aprender os conteúdos ministrados na sala de aula.

As crianças indígenas Akwê da Aldeia Funil falam somente a língua nativa o Akwê, até os 6 anos aos 10 anos de idade, o espaço em que essas crianças Akwê aprendem



a linguagem, é um ambiente totalmente diferente da unidade escolar que onde se aprende a segunda língua, que é o português. Para podermos aprender a língua nativa, aprendemos no ambiente que se chama Warã. Tendo acesso ao ensinamento da língua portuguesa como a segunda a língua quando entram na escola.

Retomamos sobre o Warã porque é um espaço sagrado para o povo Akwê-Xerente, e livre de aprendizagem, onde se passa diversos ensinamentos e conhecimentos dos anciões e dos nossos antepassados, em que as crianças, jovens, adultos e idosos podem ter acesso. É um espaço onde são adquiridos os conhecimentos necessários para cada um, e é de suma importância para amadurecimento da nova geração, é onde todos podem e devem ter acesso independente da idade, cultura e povo.

Nesse sentido considera-se que o Warã é um espaço em que os ensinamentos são bem-vindos, seja ele através de escrita e da oralidade, ou até mesmo através da observação, possibilitando aos envolvidos conhecimentos intra e interculturais, o que amplia a visão acerca da relevância da formação de cidadãos leitores críticos, reflexivos, consciente e participativos, que concebem a leitura como fonte de transformação e desenvolvimento humano.

## **5. ENTENDENDO A COMPOSIÇÃO DA LÍNGUA AKWÊ-XERENTE: dialogando com os resultados da pesquisa**

Para entender como é a composição da língua Akwê-Xerente, precisamos entender como se organiza o Alfabeto Prático Xerente, chamado Alfabeto Xerente, é composto por 26 letras, sendo 12 consoantes e 14 vogais, mais 9 orais e 5 nasalizadas. Como podemos constatar: As consoantes são: b, d, h, k, m, n, p, r, s, t, w, z

Já as vogais são divididas em orais e padrão (sem diacríticos): Em número de 5, recebendo a representação gráfica padrão: (a, e, i, o, u).

Vogais sinalizadas (com diacríticos): Em número de 4, com a mesma representação gráfica padrão, porém marcadas com circunflexo: {â, ê, ô, û}.

Nasalizadas (com diacríticos): Em número de cinco, recebendo a mesma representação gráfica padrão, porém marcadas com til: {ã, ã, ã, õ, ã}.

Existem diferenças do alfabeto Akwê para o Português, a diferença está na pronúncia fonológica, tendo em vista que os troncos linguísticos dessas línguas são diferentes. A língua Xerente, é auto denominada akwê, pertence à família linguística Jê do tronco linguístico Macro-Jê. Seus parentes linguísticos mais próximos são os Xavante, de Mato Grosso e os Xakriabá, de Minas Gerais. Esta descrição apresenta o alfabeto da língua Xerente, a estrutura da sílaba Xerente e as regras para a escrita da língua Akwê Xerente.

As escolas indígenas têm o desafio de trabalhar as duas línguas, já que as duas compõem seus idiomas oficiais segundo a Lei do município de Tocantínia. Sendo assim os estudantes, quando entram na escola esperam aprender mais e ter domínio sobre a primeira e a segunda língua, mas a realidade do ensino é precária quanto a suprimir essa necessidade existente nos povos indígenas, não somente na Aldeia aqui tratada, mas em várias outras que estão próximas da Aldeia Funil e também dispersas sobre o território brasileiro.

### **5.1 Sujeitos da Pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa foram o diretor da Escola Estadual Sakruiwê e o cacique Paulo Cesar Wawêkrurê Xerente, uma estudante que atualmente está na Universidade Federal do Tocantins, no Campus de Miracema a Sueli Waridi Xerente, um casal o senhor Davi Kukawnõmrê Xerente e Isabel Wavrê Xerente, ambos anciãos e não tem formação superior, e a filha do casal que se chama Ilma Krukwanê Xerente.

Para que eu pudesse obter um conhecimento maior, desfrutei de um diálogo com o diretor da Escola Estadual Sakruiwê, Senhor Gilberto Srõsdazê Xerente, no que ele supôs que foi bastante difícil a aprovação das alterações da estrutura curricular da Educação Básica, na sala de sessões do conselho Estadual de educação do Tocantins, em Palmas, na qual ele participou. Ele demonstrou preocupação em relação a cultura nativa e natural da geração da sociedade indígena da aldeia, e uma das principais formas de manter e fortalecer é, não esquecer os costumes, e manter viva a tradição. Além de que nessa conversa foi abordado e colocado o exercício e a prática da metodologia voltado a vivência do dia a dia da comunidade da aldeia Funil Sakrêpra.

Outra questão abordada foi a formação da religiosidade diferente, perante a essa situação foi um caminho descoberto com sucesso para os indígenas que estão sempre

buscando o conhecimento, apesar de termos bastante dificuldade pelo fato de estarmos adquirindo uma língua que não é a nossa, que é a língua portuguesa.

## **5.2 Estudo das palavras que sofreram mudanças, transformações e variações sonoras**

Como já tinha dito anteriormente sobre a opção da escolha dessa pesquisa, foi depois de ouvir frequentemente as mudanças das falas pela nova geração, os jovens Wapte Akwê e, por necessidade de um estudo detalhado para comparar esses aspectos. Por essa razão a primeira entrevista foi no dia 10 de janeiro de 2023 na aldeia Cachoeira Suprawahâ, com cacique e professor Paulo Cesar Wawêkrurê Xerente, formado em Licenciatura Intercultural pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Fiz minhas perguntas sobre as falas da nova geração, os jovens Wapte e os anciões da comunidade do mesmo, na qual o meu principal objetivo do trabalho é estudar as mudanças das falas. Então ele respondeu, que os jovens Wapte Akwê da sua aldeia misturam muitas palavras do português com a língua Akwê, já os anciões os mais velhos, ele afirmou, são mais conservadores da língua e principalmente quando se trata de discursos cerimoniais, é muito rara a intrusão do português em suas falas na língua Akwê.

Nas conversações paralelas é muito comum e frequente ouvir as palavras em português, com isso pedi a ele que falasse uma frase na língua Akwê, quando ele mencionou esta frase: **“Ro tô kbure tdêkwait, are nōkwa zatô kmã mrê, tdêkwai kōnã, are tazi tô ikwãiba kōdi”** que significa “Todos as coisas tem dono, mas mesmo assim muitos dizem que isso não é verdade, mas aí está errado se pensar assim”. A palavras **Kōdi** que seria o advérbio de negação, falarei desse assunto mais adiante.

Após perguntar ao cacique Paulo Cesar Wawêkrurê Xerente, questionei a uma mulher adulta estudante que atualmente está na Universidade Federal do Tocantins, no Campus de Miracema a Sueli Waridi Xerente, pedi para ela falar na língua Akwê. “Onde tinha ido o pai dela”. Ela respondeu da seguinte forma, **“Îptokwa tô na rua ku”** e pedi mais uma vez que ela respondesse a minha pergunta. Resposta na língua Akwê. Onde você gosta de ir? **“É só iscola ku”**. Constata-se que a intrusão do português foi muito frequente do que da fala do cacique Paulo Cesar Wawêkrurê Xerente, a partir desses dois falantes é possível fazer o comparativo das duas frases.

Conforme planejamento proposto para o meu trabalho de pesquisa, no dia 15 de janeiro de 2020, desloquei para aldeia Funil, na mesma região cerca de 4 km da aldeia Cachoeira Suprawahã. Desta vez tive um diálogo com um casal o senhor Davi Kukawnõmrê Xerente e Isabel Wokrãrê Xerete, ambos anciãos e não tem formação superior, na qual o senhor Davi Kukawnõmrê Xerente é vice cacique da aldeia. Solicitei para senhora anciã Isabel Wokrãrê Xerente para que ela falasse uma frase em Akwê, e ela disse a seguinte frase; **“Wanōrî Akwê, tô tâkãhã tkai ddêkwaiktabi”**, que significa “Nós indígenas, somos verdadeiros donos dessa terra”, e também solicitei para o senhor Davi Kukawnõmrê Xerente para que pudesse falar um frase na língua Akwê, e ele diz assim; **“Tâkãinhã waptemnōrî, tokto wasimrmêzemp nã, kãtô wanîm romkmãdkânã sapkakōdi”**, quer dizer em português “A nova geração de hoje em dia, não querem saber da linguagem Akwê, e também não querem saber a nossa verdadeira cultura”.

E a senhora Isabel Wokrãrê Xerente ainda falou da seguinte forma; **“Mãtô tromturê wasimrmêzem nã wa nma ksêskutōr mnō ze hã, kanōrîkwa hêsuka zanãmrkwai nōrî kmãdkâprê kba mnōkōwa”**, ela quis dizer em português; “No futuro bem próximo ainda a nossa língua será extinta, caso vocês estudantes não preservarem”. Quando ela diz esta frase percebe-se que ela está muito preocupada com velocidade das mudanças em todos aspectos da cultura indígena Akwê Xerente. Observa-se com nitidez nas frases construídas por senhor Davi Kukawnõmrê Xerente e sua esposa a senhora Isabel Wokrãrê Xerente em nenhum momento houve uma “intrusão” de palavras em português.

E ainda prossegui com as perguntas sobre as mudanças e variações sonoras faladas pela nova geração Wapte Akwê na atualidade, fiz uma outra pergunta para filha do casal, que se chama Ilma Krukwanê Xerente e pedi a ela que me respondesse na língua materna, fiz a seguinte pergunta: Para onde foi o seu irmão? **“Acho que bola nã sihã da kãte”**, percebe-se os empréstimos da língua portuguesa nessa frase. Em muitas ocasiões deparamos com as palavras que tiveram mudanças e os que perderam os consoantes e as vogais, também sofreram reduplicações, por isso destacarei a seguir, as palavras que sofreram mudanças fonológicas na língua Akwê, percebidas no estudo, como pode ser constatado no quadro 5.

**Quadro 5:** Mudanças fonológicas na Língua Akwê

<b>Wawê/Ancião</b>	<b>Wapte/Jovens</b>	<b>Tradução</b>
Kōdi	Kōnî	Não
Îsiwê	Înîwê	Namorada/Namorado
Îdadkû	Înatkâ	Mãe/ Tia
Îmmã	Îptokwa	Pai/Tio
Înôrê	Îpnã	Irmão mais novo
Îkumrê	Îsdekwa	Irmão mais velho
Îhitba	Îhidba	Irmã

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir do estudo (2023).

Com as palavras destacadas no quadro 5, podemos observar com nitidez que os mais jovens Wapte estão deixando o hábito de falarem as palavras corretas na língua Akwê Xerente, devido a isso está tendo série de problemas em relação as perdas e mudanças dos sons das palavras corretas na língua Akwê Xerente.

Durante a coleta de dados fui questionado pelo casal entrevistado, sobre o que eu achava da mudança cultural, de hábitos e variação sonoras e principalmente das transformações das palavras? E respondi da seguinte forma: como a minha área é da linguística e tenho essa preocupação e o medo da minha língua materna ser extinta, sou a favor da preservação e, manter a linguagem intacta do nosso povo.

Ciente de que a cultura de qualquer sociedade do mundo tem suas mudanças aos longos dos tempos, tudo é dinâmico línguas, costumes, hábitos, cultura e etc. Vejo as mudanças da nossa sociedade Akwê bastante relevante referente a educação escolar, mas jamais podemos deixar de ser o que somos. A educação escolar é um instrumento que pode nos ajudar a fortalecer ainda melhor a nossa organização social.

É de extrema importância ressaltar que as mudanças da nossa língua e da nossa cultura é normal, o que não é normal é a velocidade das mudanças que estamos vivenciando, e isso é muito preocupante, pois no futuro bem próximo corremos risco de perder o hábito de usar e vivenciar esse bem precioso. Temos que colocar em nossas mentes que muitos povos indígenas que hoje não usam mais a língua nativa passaram por esses processos, no caso do nosso povo Akwê Xerente, o empréstimo linguístico é muito

comum, usado muitas das vezes, sem necessidade. Na seção 5.3 discutiremos os principais fatores que contribuíram nas mudanças da (fala) língua Akwê.

### **5.3 Os principais fatores que contribuíram nas mudanças da (fala) língua Akwê**

Sabemos que tudo nessa vida, e nesse mundo é dinâmico, pois todas coisas tem suas mudanças com tempo, e é o que está acontecendo em nosso meio, não apenas na nossa língua materna, mas também na cultura, no hábito de conviver dentro da aldeia, bem como em outras questões do cotidiano.

Quando falamos especificamente da língua, a (fala), precisamos olhar ao redor, pois os principais fatores da mudança da nossa língua estão em nosso meio. Muitos são os fatores que vão desde o contato com sociedade não-indígena, até mesmo ao avanço da tecnologia. Avaliamos que as mudanças na língua, e principalmente a nossa cultura é inevitável. O que nos resta é preservar mais do que nunca, o que ainda temos.

É de extrema relevância refletirmos sobre algumas questões ou pontos das principais mudanças das falas da nossa língua, é que os professores e os estudantes, essa nova geração que estão crescendo, não estão conseguindo lidar com essa vida que estamos vivendo hoje, com tecnologias, contatos com não-indígenas e principalmente educação escolar nas aldeias.

Sabemos que a mudanças da nossa língua começam por esses fatores citados anteriormente. Observamos que os pais são responsáveis pela educação dos filhos. Precisamos preservar a nossa cultura e a nossa língua, e repassar para os nossos filhos, eles também podem preservar, por isso eu digo sempre, as vezes falta por parte dos pais, pois não querem aconselhar, não querem repassar os seus conhecimentos, e depois querem culpar alguém que não seja culpado.

Quando falo em questão de repassar os conhecimentos e ensinamentos pelos próprios pais, digo da seguinte forma: as crianças podem ver e ouvir tudo porque para eles, elas aprendem mais e melhor dessa maneira. As pessoas aprendem coisas através da vida diária e rituais ou também porque a pessoa se interessou pelo assunto e buscou conhecê-lo melhor, acredito que o aprendizado é baseado no desejo de aprender.

Quero aqui ressaltar que a minha experiência de ter conversado com anciões jovens Wapte e estudante, foi de suma importância para minha vida de acadêmico e principalmente para minha vida pessoal na aldeia, pois precisamos refletir no que aprendemos, até porque estamos sujeitos a perder a nossa língua, na qual precisamos evoluir por necessidade, para que posteriormente possamos nos defender, e temos que reagir de alguma forma, para que possamos manter a nossa cultura e a nossa língua intacta. Sabemos que a nossa cultura e a nossa língua são a principal identidade, não só apenas nossa, mas de todos os povos que habitam nesse mundo que vivemos.

#### **5.4 Palavras que perderam consoantes e vogais na língua Akwê-Xerente**

Como foi dito anteriormente sobre a mudanças das palavras na língua Akwê e também sobre a pesquisa das falas dos anciões e jovens Wapte das comunidades em específico da TI Funil residentes próximo a cidade de Tocantínia e Lajeado, podemos perceber com bastante clareza que a nova geração da comunidade Akwê residente próximo da cidade são os mais afetados pela intromissão do português nas suas falas. Conforme a pesquisa de campo nas aldeias foi possível detectar as alterações ou mudanças fonética-fonológica que percebemos com nitidez na língua Akwê Xerente, falada pela nova geração de jovens Wapte.

Durante a coleta de dados na aldeia Funil Sakrêpra coletei palavras, nas falas do ancião Wawê, e também nas falas dos jovens Wapte que tiveram mudanças e alterações nas palavras faladas. Para melhor compreensão observe-se a listagem no quadro 6, as palavras que sofreram alterações, perdas e reduplicação de consoantes.

**Quadro 6:** Perda de consoantes

<b>WAWÊ (ANCIÃO)</b>	<b>WAPTE (JOVENS)</b>	<b>TRADUÇÃO</b>
Arknê	Aknê	Podia
Asahi	Asai	Nora
Nõkrzâ	Nõzâ	Milho
Haiwi	Aiwi	Vem cá/vem aqui
Kuparmê	Kuparpê	Beiju
Krêpturê	Turê/Tur	Menino
Kumzapdo	Kuzapo	Abobora
Wazumzâ kuhi	Wazumzâ kui	Feijão trepapau

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir do estudo (2023).

Constata-se no quadro 6, que das seis palavras listadas, todas sofreram a perda de consoantes, considerando o que o WAWÊ (ANCIÃO) fala e o que o WAPTE (JOVENS) falam.

**Quadro 7:** Transformações de consoantes

<b>WAWÊ (ANCIÃO)</b>	<b>WAPTE(JOVENS)</b>	<b>TRADUÇÃO</b>
Kōdi	Kōnî	Não
Îsiwê	Înîwê	Namorada/Namorado
Îdatkû	Înatkâ	Mãe/Tia
Nmãta	Mãda	Cadê
Humdi	Kumdi	Batata doce
Daprba	Dabba	Dançar

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir do estudo (2023).

No quadro 7, as transformações a partir das consoantes, com o mesmo comparativo, a partir do que o WAWÊ (ANCIÃO) fala e o que o WAPTE (JOVENS) falam.



**Quadro 8: Reduplicação de consoantes**

<b>WAWÊ (ANCIÃO)</b>	<b>WAPTE (JOVENS)</b>	<b>TRADUÇÃO</b>
Kōdi	Kōnnî	Não
Tākāinnî	Tākāinî	Por aqui/Hoje em dia
Dannî	Danî	Corpo

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir do estudo (2023).

O quadro 8 apresenta a reduplicação de consoantes, nas três palavras observadas.

**Quadro 9: Apagamento de vogal e consoantes**

<b>WAWÊ (ANCIÃO)</b>	<b>WAPTE (JOVENS)</b>	<b>TRADUÇÃO</b>
Aimãpê	Amprê	Sogro/Sogra
Aizanã	Azanã	Rápido
Aiwi	Awi	Chamando
Krmõ	Krumõ	Andando
Turê	Tur	Menino
Tarê	Tar	Menina
Teprza	Tebza	Você quer
Hûmdi	Kûmdi	Batata doce
Sispizar	Skuirî	Despedido
Ktâkmõhêwaku	Ktêmõhêwaku	Leite

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir do estudo (2023).

O apagamento de vogais e consoantes está explícito, no quadro 9.

**Quadro 10: Mudanças de palavras**

<b>WAWÊ (ANCIÃO)</b>	<b>WAPTE (JOVENS)</b>	<b>TRADUÇÃO</b>
Wrazupre nãrkwa	Akwê-Xerente	Povo Xerente
Wrazu krãrê	Ktâwanõ	Não indígena
Krêti nîmzâ	Kupazu	Farinha
Sromã	Ktâwanõ	Não indígena
Ssõpte	Tsiwakrãm	Encontro
Nmãta	Mãda	Cadê
Îssumbka	Mrõtõ	Solteira/Solteiro
Îkrnê	Îknê	Comer
Humdi	Kûmdi	Batata doce

Duinîmzâ	Karo	Arroz
Daprahâ	Prakuza	Sapato/chinelo
Baktarê	Tarê	Menina moça
Asare	Dantômhã dapnã	Caçula/caçulo
Kbunîkwa	Îdumkrda/Îdumkda	Adulto
Amzumpâ	Ptâbâ	Todo dia
Abbati	Dawaikwamhã dapnã	Irmão do meio
Anâkurbo	Ktâwanõ	Não indígena

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir do estudo (2023).

No quadro 10, as mudanças de palavras, são visíveis partindo do que os que o Wawê (ancião) fala e o que o Wapte (jovens) apresentam o quanto a língua é dinâmica e, as preocupações que nessa lógica as palavras tendam a desaparecer. Assim, passemos as considerações finais de nosso estudo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe resultados, que apontam limites existentes quanto ao ensino repassado para o povo Akwê dentro da Escola Estadual Indígena Sakruiwê, isso como observamos acontece por falhas da metodologia trabalhada em sala de aula, que apresenta deficiências na base curricular que chega a essas escolas, dando um parâmetro de como o Estado monta a estrutura do ensino para educação indígena, deixando de lado muitas vezes a cultura nativa do local, onde a escola está localizada.

A dificuldade encontrada no uso da segundanlíngua, que é a língua portuguesa é o que ressalta esta pesquisa, pois sem uma base de ensino que prepare os estudantes indígenas para ter uma gramática e fonologia articulada, esses mesmos estudantes fora do meio da Aldeia não conseguem acompanhar os não-indígenas quando se trata do domínio da língua que é a fala. A necessidade do domínio dessa língua se apresenta nos dias atuais como de grande importância tanto para ter acesso as universidades e outros fatores de conhecimento como para os Akwê reivindicarem os direitos.

Uma proposta para amenizar/sanar as dificuldades dos indígenas é que fosse retirado o componente curricular de Educação Física da área de Linguagem e no seu lugar um componente curricular que reforçasse o ensino da Língua Portuguesa, para que não tenhamos a deficiência no uso da segunda língua, nos lugares externos da Aldeia, isso

adequaria estrutura curricular das escolas as necessidades dos indígenas, proporcionando o amparo aos estudantes indígenas.

Este estudo também se debruçou sobre os limites existentes quanto ao estudo das palavras que obtiveram mudanças e transformações das variações sonoras foneticamente, pois neste trabalho procurei dedicar a pesquisa nas mudanças das palavras na língua Akwê, comparando com as formas fonética e fonológica falada pelos nossos ancestrais anciões e, que foram mudando ao longo do tempo. Conforme a pesquisa realizada, foi possível detectar as alterações das palavras na língua Akwê fonético-fonológico que se apresentaram em diversas ocasiões na língua Akwê, falado pela nova geração que são os jovens Wapte.

A pesquisa demonstrou que a causa das alterações sonoras das palavras na língua Akwê podem ser atribuídas ao espalhamento das aldeias, também por existir e sobrar poucos anciões, acontecendo a diminuição das frequências dos discursos do dia-dia e, principalmente a falta de festa tradicional Dasimpê frequente.

Tivemos oportunidade de descobrir e observar que a fala dos mais velhos (wawê) é menos utilizada no dia a dia cotidianamente, do que a fala dos mais jovens (wapte), conforme apresentado na lista das palavras pesquisadas. Embora a língua falada seja o Akwê, a variedade falada pelos mais jovens wapte apresenta variações fonético-fonológica, que é um dos fatores que pode contribuir no enfraquecimento da língua falada originalmente pelos mais velhos wawê Akwê.

Portanto de acordo com a pesquisa, a língua Akwê falada apresenta duas formas; a fala dos mais velhos (wawê) os anciões e a fala dos mais jovens (wapte). Na minha concepção, acredito que o uso da língua dos mais jovens, com as perdas linguísticas não cause a perda de sua força. As modificações na forma de expressão da língua, ocorrerão no decorrer do tempo e seu uso podem trazer certa modificação ao longo do tempo e principalmente através das gerações.

Verifica-se ainda, a necessidade de estudo mais profundo nesse âmbito, pois é necessário fazer um trabalho de conscientização da nova geração e principalmente aos profissionais da área da educação, como professores indígenas Akwê-Xerente sobre o real cenário da mudança da língua e cultura. Entretanto, a possibilidade que o trabalho apresenta, como solução para o aprimoramento do ensino em unidades escolares

indígenas seria, pensar através de quem articula as bases curriculares que é o Estado, novas formas de introduzir o conhecimento nas aldeias.

A educação pensada para a cultura nativa, buscando assim fortalecer a língua nativa para que o Akwê, para que não se perca. O desaparecimento das línguas pode ocorrer não somente pela vontade dos inimigos dos povos indígenas, mas por um movimento que afeta todos os povos e culturas do desse mundo. A resistência, no entanto, continua.

## Referências

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD/ LACED/Museu Nacional, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. LDB. Lei 9394/1996 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Editora Ática, São Paulo, 2000. Disponível em: [http://br.geocities.com/mcrost02/convite\\_a\\_filosofia\\_42.htm](http://br.geocities.com/mcrost02/convite_a_filosofia_42.htm). Acessado em: 25/09/2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Le Livros, Rio de Janeiro, 1970.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MATTOS, R. de. Fonêmica **Xerente**. Brasília: SIL. (Serie Linguística 1).1973.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paulo (org.). Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA FILHO, Sinval Martins de. **Aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê)**. 2010.

SOUZA, Neila. N. de, & OSÓRIO, N. B. (2022). **Pontuações sobre os Akwê-Xerente: os anciãos e as aspirações dos jovens após a formatura no Campus de Porto Nacional – UFT**. Porto Das Letras, 8(2), s22002 – UFT, p.1-27. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/14701/20342>. Acessado em: 25/11/2023.

SOUZA, Shelton L. **Fonologia Segmental da língua Xerente**. In Simpósios Integrados de Letras – Linguagem: múltiplos olhares. Goiânia, 05 a 07 de outubro de 2005. Goiânia: UFG.